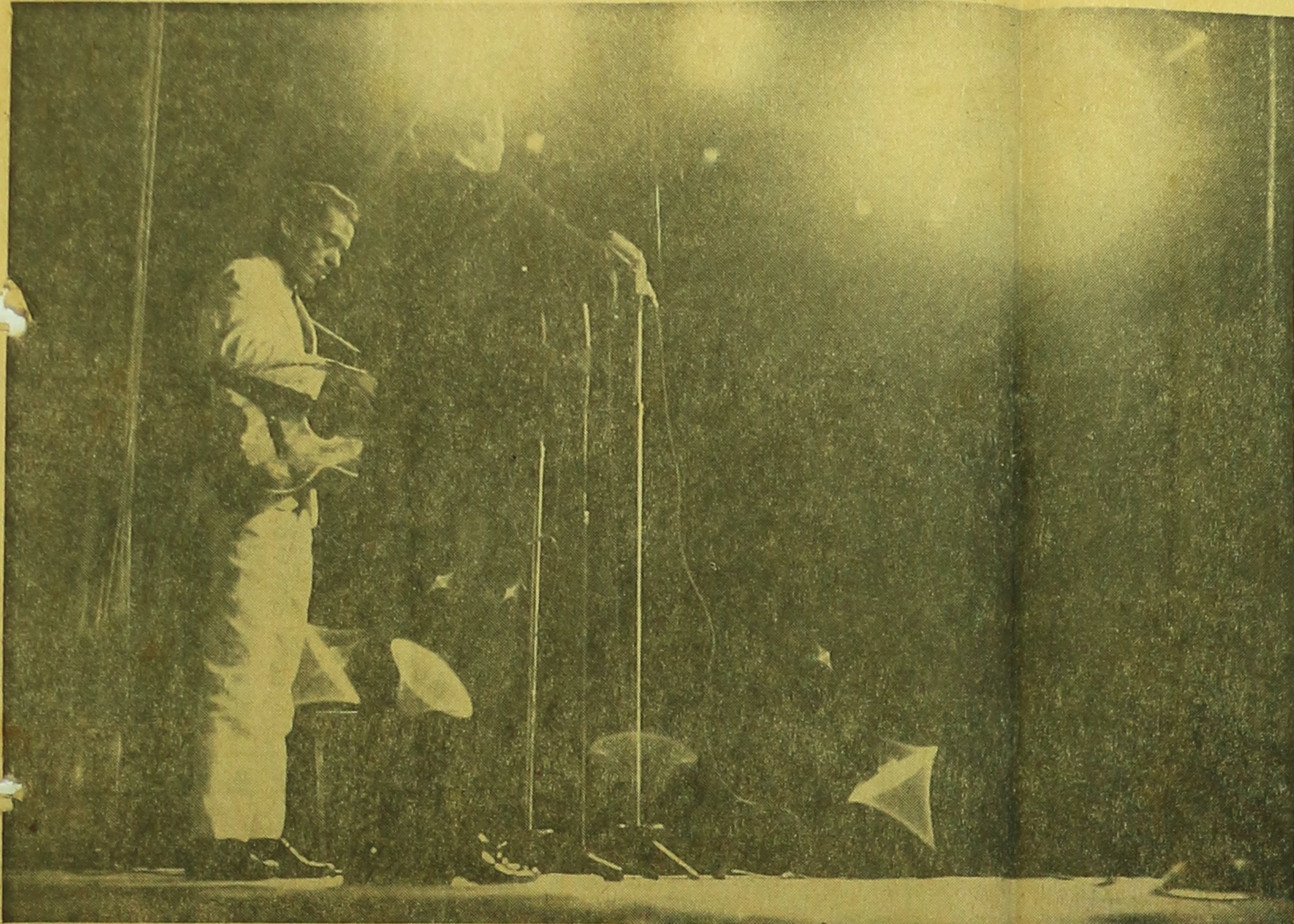


# NA VIOLA, DE IMPROVISO, UMA RIMA E MUITO RISO

TEREZINHA NUNES



Cantando aqui e ali, sem lugar fixo, onde houver uma garrafa de cachaca ou um desafio lançado, o violeiro é um profissional que vive exclusivamente de sua arte



A esquerda, sentado, Severino Pinto, o mais velho violeiro ativo no Nordeste. A seu lado, Lourival Batista, seu parceiro inseparável e chefe de uma família inteiramente dedicada à viola

Recife (Sucursal — Primeiro chegam as pessoas: homens, mulheres, velhos e crianças que se organizam em dois blocos, cada um com a finalidade de aplaudir um dos cantadores. Depois entram os dois homens, os donos do espetáculo. Viola na mão, falando no dono da casa, contando a História do Brasil, comunicando fatos e aproveitando um tropeco ou observação da multidão, iniciam a improvisação.

Num desafio cantado, cada um fazendo um repente mais bonito para agradar os expectadores, iniciam a cantoria uma das formas mais tradicionais de comunicação rural do Nordeste. A cantoria se baseia no desafio de dois poetas repentistas e é acompanhada pela viola, não tendo lugar definido para acontecer: pode ser embaixo de uma árvore, num salão, na praça pública, ao lado de um copo de cachaca.



O CANTADOR, UMA FIGURA

Viola nas costas, montando num jumento, em cima de um caminhão ou mesmo no banco rasgado e inconfundível de um ô nibus velho, o cantador parte em busca do público a quem comunique sua poesia feita de repentes, lamúrias, glórias e amor. Sua profissão de cantador de viola e a facilidade de transmitir as coisas, gozar a vida, explicar os fatos históricos, fazem dele o mais antigo comunicador de massa do Nordeste.

Como os provenientes da Espanha e Portugal, de quem descendem, os cantadores — cerca de 2 mil em todo o Nordeste — cantam sempre em dupla, fazendo o tradicional desafio que termina em um trocadilho de palavras.

Essa troca pode ser feita pela comparação do desenvolvimento entre países ou até mesmo pelo simples tropeco de um espectador. Uma improvisação que ficou na história foi a realizada por Lourival Batista e Severino Pinto, certa vez quando cantavam para José Américo, em um apartamento no Rio de Janeiro.

Quando a sentando numa cadeira à frente dos cantadores o político paraibano quase cai, sendo segurado pelo filho quando a perna da cadeira se quebrou. Pinto então improvisou: "Eu não sei em certos meios/ cantador como se saiu/ caindo o senador/ o filho pegou o pai/ pode cair da cadeira/ mas da política não sai." E Lourival respondeu: "A miséria nunca atrai/ esta figura alta-neira/ a queda do avião/ foi na Bahia, a primeira/ não morreu de um avião/ quanto mais de uma cadeira."

ra/ mas da política não sai." E Lourival respondeu: "A miséria nunca atrai/ esta figura alta-neira/ a queda do avião/ foi na Bahia, a primeira/ não morreu de um avião/ quanto mais de uma cadeira."

## SUA PRIMEIRA MANIFESTAÇÃO

Quando em 1750 o sertanejo Agostinho Costa, poeta e gozador, fazia versos de improviso para divertir amigos e parentes não imaginaria que, anos depois, seu nome entrasse na história do sertão nordestino — contada pelo violeiro Severino Pinto — como o primeiro a dar início a uma das mais ricas e originais manifestações da cultura regional.

Nascido na Paraíba, descendente de portugueses ele, no entanto, não saiu da poesia e só, anos depois, o sertanejo Romano, um dos mais conhecidos dos cantadores, associaria o improviso à viola e criaria o que hoje existe: o cantador de viola, violeiro e repentista.

No início alguns seguidores de Romano usaram o pandeiro para acompanhar a cantoria — afirmou o cantador paraibano Severino Pinto, 77 anos, o mais velho do Nordeste. — Mas depois veio a viola que permanece até hoje. É um instrumento de som forte e triste e se tornou o preferido dos músicos do sertão.

## VIOLA, A PREFERÊNCIA

No século XVIII o meneztrel se apresentava sozinho cantando cantigas de amor e lamúrias, ainda sob a influência portuguesa. Mas o espírito de competição deu origem ao desafio a dois, quando contestam um ao outro, numa improvisação espantosa.

A competição muitas vezes é tão acirrada que "certa vez eu



cantando com um parceiro fui surpreendido por uma mentira que ele afirmou cantando e protestei. Nesse momento ficamos improvisando e terminamos xingando um ao outro. Ele se levantou e me agrediu. Eu dei-lhe umas três tapas que foi preciso a multidão me agarrar senão era capaz de fazer uma besteira" — afirmou Agostinho Lopes, poeta e cantador.

O espírito competitivo é alimentado até mesmo na hora da refeição. Se dois cantadores se sentam em uma só mesa para almoçar ou jantar, passam o tempo todo gozando um ao outro e propondo desafios.

## NA CANTORIA, O SUSTENTO

Na hora da cantoria eles colocam duas bandejas ao lado e, dependendo dos versos que improvisarem, ganharão mais ou menos dinheiro. Profissionais, eles cantam até uma noite inteira para ganhar cerca de Cr\$ 100,00.

Muitas vezes são enganados, como ocorreu com Lourival e Pinto que, pensando estar fazendo uma gravação para uma entidade cultural brasileira, receberam Cr\$ 1 mil por 3 horas de improvisação e só este ano souberam que a cantoria estava sendo exibida em Londres por uma companhia cinematográfica que não lhes pagou os direitos autorais.

Esta situação é condenada pelo cantador Otacilio Batista (um dos irmãos Batista) que deseja a todo custo criar uma associação dos cantadores



que conte com a ajuda do Governo:

— Eu me revolto muitas vezes — disse — por vender poesia, coisa que nem se vende nem se compra. Mas é o jeito, para sobreviver e sustentar mais de 2 mil famílias espalhadas pelo Nordeste.

A questão do dinheiro tem dado origem aos mais diversos improvisos como este de Lourival Batista que, quando depois de ter elogiado um militar porque lhe deu Cr\$ 5,00, viu um outro colocar na bandeja Cr\$ 2,00, afirmou: "O galão que este merece é um galão diferente: é um pau com duas latas, uma atrás e outra na frente."

Certa vez quando um rapaz, acompanhado da noiva, colocou Cr\$ 2,00 na bandeja ele protestou: "Se eu namorasse com Lica e Lica me enamorassem e nós fôssemos a uma festa, um cantador me elogiasse/ se eu desse dois mil réis/ o diabo me carregasse."

## NA "GOZAÇÃO", OS ELOGIOS

Neste clima de gozação e elogios, o cantador continua sendo o maior comunicador do sertão do Nordeste. Em vez de ser superado pelo rádio, faz hoje apresentações matinais nas mais populares emissoras da região e consegue bons níveis de audiência.

Embora repetida, a cantoria não cansa o ouvinte devido a grande quantidade de versos

criados a partir de Romano. A quantidade é tal que, segundo Severino Pinto, é desconhecida, pois vive sempre se renovando. Existem a sextilha, o martelo agalopado, o galope à beira-mar, o martelo alagoano e também as canções e modinhas que não têm estrutura própria.

## PIA O PINTO, O GALO CANTA

O lugar para a cantoria, no entanto, nunca foi estabelecido. Onde houver um cantador ou uma criança interessada em improvisar os versos que são aprendidos antes mesmo da alfabetização — como os dois filhos menores de Lourival Batista, cantador do sertão pernambucano — a cantoria é realizada. As comunicações dos fatos de que o cantador tem conhecimento quando viaja às cidades são também uma boa motivação para o desafio cantado.

Pensando nisso, no poder da comunicação que eles possuem, o Centro de Comunicações Sociais do Nordeste — Cecosne — fez este ano dois encontros de cantadores onde, durante o i t o dias, treinou-os e deu-lhes aulas sobre desenvolvimento e informações agrícolas para que eles as transmitissem ao homem do sertão.

Os cantadores vivem andando como o Dom Quixote. Têm sido motivos para as mais diversas obras, com influência acentuada em Ariano Suassuna, a quem consideram protetor dos repentistas. Não sabem ler, em sua maioria, daí a beleza ruda dos versos que compõem. Hoje podem ser ouvidos em toda parte do Nordeste, mas sempre nas regiões mais pobres e afastadas. Muito têm para contar e falar sobre a região e o seu povo.



"Ao romper da madrugada/ um vento manso desliza/ mais tarde ao sopro da brisa/ sai voando a passarada/ uma tocha avermelhada/ aparece lentamente/ na janela do nascente/ saudando o romper da aurora/ no sertão que a gente mora/ no coração da gente."

"Canta o galo, o pinto pia/ pia o pinto, o galo canta/ a cabocla se levanta/ vai lutar durante o dia/ enche o pote de água fria/ tira a cinza do fogão/ passa a vassoura no chão/ faz o fogo, ajeita a brasa/ ferve o leite, arruma a casa/ passa o café, assa pão." (Versos de Otacilio Batista)

## A MEDIDA DO CANTO

Tipos de estrofes mais usadas pelos cantadores de viola do Nordeste:

**SEXTILHA** — estrofe de seis versos de sete sílabas, rimando o segundo, o quarto e sexto versos.

Ex. "E se o Inácio se zangar/ Se abala o sol, o mar geme/ Estremece a atmosfera/ Cal estrela, a terra treme/ Pega fogo o mundo em roda/ E nada disso o negro teme."

**GALOPE** — conserva o mesmo número de versos e tem a mesma disposição rítmica da sextilha, porém, em decassílabos.

Ex. "Seu Claudino Roselra, numa sala/ Faz cantor dar estouro que nem nero/ Cantando, no galope, sou madeira/ Batalhão de quatorze eu desintero/ Porque tenho talento na garganta/ Ordeno, faço, mando, posso e quero." (Citado por Coutinho Filho)

**GEMEDEIRA** — conhecida pela introdução das interjeições: ai ai, ui ui, no perúltimo verso da estrofe. Essa gemedeira pode ser ouvida, segundo Ariano Suassuna, nos cantadores mais antigos, no final de cada estrofe, quando gemem, prolongando a última sílaba da palavra final. Mas não tem diferença do verso comum, a não ser pelo ai ai, ui ui.

**MOURAO** — aqui os violeiros alternam-se na construção dos versos. É uma das construções mais difíceis, pois o repentista tem que encontrar, para o verso seguinte, uma rima que combine com a usada pelo seu companheiro.

Ex. mourão dos irmãos Batista (Dimas e Lourival):

Lourival — Que diabo tem esse (bode) Que desde hoje bode (deja?)

Dimas — Com certeza está (achando) Bonita a nossa pe- (leja)

Lourival — Bode acha nada bo- (nito...) Está é fazendo ca- (brito) Nas cabras de João (de Beija)

**QUADRAO** — o verso, no quadrao, tem sete sílabas e pode ser feito em oito a 10 pés:

Ex. "O cantador repentista/ Em todo ponto-de-vista/ Precisa de ser artista/ De fina imaginação/ Para dar capricho à arte/ E ter nome em toda parte/ Honrando o grande estandarte/ Dos oito pés em quadrao." (Lourival Batista)

**GLOSAS** — décimas com versos obrigatórios usados pelos dois cantadores, de acordo com os motes ou estrofes de dois versos, sugeridos pelos espectadores.

**MARTELO AGALOPADO OU GABINETE** — é uma estrofe de 10 versos decassílabos:

Ex. "Quando as tripas da terra mal se agitam/ Os metais derretidos se confundem/ E os escuros diamantes que se fundem/ das crateras ao ar se precipitam/ as vulcânicas ondas que vomitam/ grossas bagas de ferro incendiado/ em redor deixam tudo sepultado/ só com o som da viola que me ajuda/ treme o sol, treme a terra, o tempo muda/ eu cantando um martelo agalopado." (Lira Flores)

**GALOPE À BEIRA-MAR** — o mais conhecido, pois sempre termina com o nome beira-mar e possui 10 versos.

Ex. "Passel na Europa, no tempo da guerra/ Diante da luta, do ódio que cega/ Nos campos suecos, até Noruega/ Dinamarca, Espanha, Itália e Inglaterra/ No Sul e no Norte, vi falxas de terra/ Em pleno abandono e o povo sem lar/ Contemplando a Grécia, país milenar/ Fui a Portugal, Turquia e Albânia/ Bulgária, Iugoslávia até a Romênia/ Cantando galope na beira do mar." (Otacilio Batista)

Existem ainda o martelo alagoano, o rojão pernambucano, a meia quadra, e outros que se diferenciam apenas pela repetição do nome do tipo, no final de cada estrofe. No você cai, o cantador começa mais ou menos assim: "Se você cai eu também caio", etc. e vai repetindo a palavra até terminar a estrofe. Tem ainda um verso construído com a repetição das últimas sílabas das principais palavras pronunciadas.

Alguns cantadores chegam ainda a outros versos, partindo da improvisação como as modinhas e canções. Houve um que, de tanto improvisar diferentes versos e encontrar uma forma original de cantar versos desconexos, recebeu o nome de "poeta do absurdo". Paraibano, seu nome era Zé Limeira e improvisou coisas assim:

"Cinco touros brigavam num quintal/ Dez galinhas escavavam no terreiro/ Três navios no Rio de Janeiro/ Navegavam pensando em Portugal/ Recordando a viagem de Cabral/ Ditebomb e um tal de Alan Caím/ Um cachorro às três horas da manhã/ Trafegava do Rio à capital.

Fidel Castro maior lá de Havana/ Zangou-se e agarrou uma cigana/ Mandou que botasse na prisão/ Kruschey dita a João Goulart/ Nos agora pedimos processar/ Virgínia Ferreira Lampião.

E mais: "Com muita briga eu não corro/ Sou fraco mas sou soldado/ Morri no ano passado/ Mas esse ano eu não morro."

Fui mordido de cachorro/ Na casa de um tio meu/ Casimiro de Abreu/ Marceu da cor morena/ Os ossos choravam com pena/ Da carne que apodreceu."